

Transtornos Globais **de Desenvolvimento** e Altas Habilidades

Ana Regina Caminha Braga

3

Autismo, Síndrome de Asperger e Síndrome de Rett

Nas aulas anteriores tivemos a oportunidade de iniciar uma visão mais aprofundada de conteúdos importantes referentes aos Transtornos Globais do Desenvolvimento, altas habilidades e superdotação, juntamente com a contribuição do papel da família, da escola e da comunidade.

Esta aula tem como propósito aprofundar os alunos, professores e familiares na realidade das pessoas com o Autismo, a Síndrome de Asperger e a Síndrome de Rett, com o objetivo de trazer nesse momento os conceitos, definições e as principais etapas pelas quais as pessoas envolvidas nesse processo passam.

3.1 Definição e encaminhamentos em relação ao Autismo

Antes de iniciar a temática do Autismo, é necessário voltar um pouco e resgatar o que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) traz para a Educação Especial com algumas modificações que foram vivenciadas nos anos 1961, 1971 e 1996.

Sendo assim, é possível fazer em tópicos um pequeno levantamento dos acontecimentos:

- Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961 – considerava que a educação de excepcionais deveria ser incluída no sistema geral da educação com o objetivo de inseri-los na sociedade;
- Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – é possível observar como se dá o entendimento da Educação Especial:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação dada pela Lei n. 12.796, de 2013)

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (BRASIL, 1996)

Para aprofundar algumas questões das deficiências e dificuldades, contemplaremos o Autismo, a Síndrome de Asperger, a Síndrome de Rett e os Recursos da Educação Especial com o Atendimento Educacional Especializado e a Sala de Recursos Multifuncionais (SRMs).

Dentro dessa perspectiva, pode-se observar que não apenas a escola trabalha esse assunto, mas a mídia também começou a mostrar como é a realidade das pessoas com Autismo, nas novelas e nos programas de informação, de forma semelhante ao que aconteceu com a Síndrome de Down.

A seguir, assista ao programa apresentado pelo Dr. Dráuzio Varela no Fantástico sobre o Autismo e a dificuldade encontrada pelas famílias. Essas precisam de apoio não só financeiro, mas principalmente psicológico, no sentido de haver a necessidade por parte dos pais/responsáveis em buscar saber como será a inserção do seu filho na faculdade, no mercado de trabalho e na sociedade:

Como o autista organiza o seu mundo? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OvFNiFQuGPA>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Neste vídeo podemos compreender como é o cotidiano das famílias, de acordo com os graus do Autismo, o que traz um impacto para convivência da família com os pais/responsáveis e com a sociedade em virtude de suas ações dentro de casa. No entanto, é possível perceber que depende, também, da maneira como o adulto conduz as situações e o modo como os profissionais que atendem o paciente visualizam e orientam o caso.

O Autismo, assim como todas as deficiências, dificuldades e síndromes, possui suas características, e para continuar esse estudo é válido pontuar algumas. Dentre as principais podemos citar a indiferença, a interação com seus pares (algumas vezes só há interação caso um adulto esteja presente para auxiliar na comunicação), insistência em um mesmo assunto, a convivência com outras crianças é restrita, a resistência a mudanças e ausência de contato visual.

Amaral (2014) pontua o desenvolvimento da criança autista dos seus 2 meses até 5 anos. Vejamos a seguir.

- **2 meses** – um bebê dentro dessa idade fixa o olhar, presta atenção aos sons, se aninha no colo e troca o olhar ao mamar. A criança com autismo não apresenta essas características.
- **3 meses** – o bebê firma o pescoço, vira a cabeça conforme barulho, segura objetos, reconhece o cheiro e rosto da mãe. O autista é indiferente para esses sinais e também não reage quando está com fome ou sujo.
- **4 meses** – bebê sorri, emite sons, estica os braços para alguém pegá-lo, se distrai com as mãos e pés. O autista nessa fase é pouco sorridente, não tem movimentos emancipatórios e não demonstra interesse com os móveis.
- **6 meses** – o bebê sorri, leva os objetos à boca, imita sons, demonstra medo a estranhos, se reconhece no espelho e já fica em pé sem apoio. O bebê com autismo não evidencia resposta ao sorriso, sons de outras pessoas, pois ele precisa de mais estímulo, não responde quando chamado pelo nome, e às vezes, é possível pensar que ele não escuta.
- **10/11 meses** – o bebê já tem pinça para pegar objetos e participa de brincadeiras com gestos; mas o autista não acena e nem aponta para os objetos com o objetivo de chamar atenção.
- **1/3 anos** – a criança consegue brincar de faz de conta, com frases curtas e faladas, o vocabulário enriquece e a interação com seus pares aumenta. A interação e atenção desprendida pelo autista é reduzida, assim como seu interesse por pinturas e desenhos.
- **4/5 anos** – a criança apresenta interesse de afetividade pelas pessoas, se veste sozinha, já separa os objetos por tamanho e cor; no entanto, o autista não demonstra dificuldade em se colocar no lugar do outro, pode apresentar um comportamento peculiar seu e não tem interesse no desenho e pintura.

Ao citar o faz de conta é importante dizer do predomínio da fantasia, porém, a atividade psicomotora garante que a realidade se mantenha. O princípio da imaginação garante que a criança modifique sua vontade por meio do “faz de conta”, porém, como a atividade

é expressa por meio do corpo, obrigatoriamente respeita a realidade concreta e as relações com o mundo real.

Com o amadurecimento da criança, esse jogo, se estimulado, prevê a diminuição da atividade egocêntrica, e esta passa a adquirir uma socialização crescente. Dentre as características do jogo simbólico se destacam:

- liberdade de regras do mundo adulto, prevalecendo as criadas pela criança.
- desenvolvimento da imaginação.
- ampliação do caráter fantasioso da ação.
- falta de objetivo explícito ou consciente para a criança.
- a criança estabelece sua própria lógica com a realidade.
- assimilação da realidade ao “eu”.

No cerne da prática docente é preciso explorar as imitações sem modelo, as dramatizações, os desenhos e pinturas, o “faz de conta”, a linguagem, permitindo a exploração do jogo simbólico, seja individualmente, ou em relação com outras crianças, afinal essas práticas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e para sustentação emocional.

É fundamental perceber que em crianças com TGD o jogo simbólico acontece de outra forma, é preciso incentivar e promover práticas principalmente por meio da imitação, para que essa criança se desenvolva de forma harmoniosa e completa.

O trabalho na sala de apoio especializada para o autista deve ser específico, com materiais próprios por conta da possível agressividade, dependendo do grau – o que difere de pessoa para pessoa. Alguns cuidados são citados por Amaral (2014, p. 25):

luminosidade da sala de aula – pessoas com autismo não gostam de muita luz; cheiro dos produtos utilizados incomodam, podendo apresentar comportamento inadequado; material concreto – alfabeto móvel, blocos lógicos, jogos de quebra-cabeças e jogos da memória.

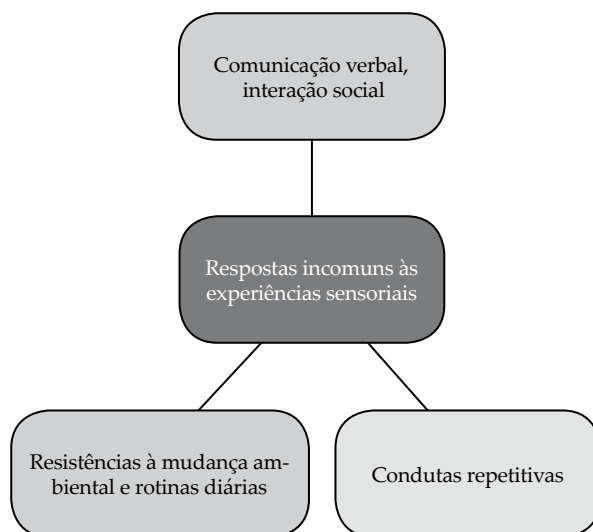
Muitas especulações, especialmente sobre os Transtornos Globais do Desenvolvimento, têm surgido desde as pesquisas de Kanner (1943) até os dias de hoje. Estas pesquisas estão especificamente direcionadas para as causas dos transtornos, o diagnóstico e as formas de intervenção, com o objetivo de amenizar os sintomas apresentados pelo indivíduo, de maneira que a interação social possa ocorrer de forma eficaz na escola e na sociedade em que o sujeito está inserido, que passa por constantes mudanças.

Para um estudo mais aprofundado, analisaremos e esclareceremos questões relativas aos Transtornos Globais do Desenvolvimento como, por exemplo, caracterizá-lo e fazer um levantamento das tendências atuais do diagnóstico, das dimensões e do impacto ocasionado pelos transtornos. Por esse motivo, as intervenções necessárias para a participação destes sujeitos são feitas em espaços menos restritivos, possíveis em Escolas Inclusivas.

Smith (2008), ao citar US Department of Education (1999), ressalta a importância de se buscar as características do processo educativo formal nas pessoas com autismo. A ênfase

deste departamento foi dada às questões de ordem emocional dos indivíduos, tais como transtornos na(s):

Figura 1 – Transtornos.



Fonte: Elaborada pela autora.

A experiência prática aponta as características de ordem educacional que podem de alguma maneira dificultar o processo de aprendizagem. Um destaque a ser feito está relacionado à memória de curto prazo, às questões de atenção, ausência do jogo simbólico, à interação e ação com os objetos e o brincar idiossincrático (individualizado).

Kanner (1943) realizou uma pesquisa com um grupo de 11 casos: ressaltando algumas características que serão citadas por Cols e Gonzáles (2007), a seguir.

1. incapacidade de manter as relações interpessoais com outras pessoas;
2. incapacidade de usar a fala de forma compreensível;
3. excelente memória de repetição;
4. ecolalia (refere-se à fala repetitiva estereotipada na forma e conteúdo do discurso);
5. utilização inadequada do pronome (refere-se a si mesma na terceira pessoa);
6. medo de sons e objetos em movimento.

Portanto, em seus estudos, Kanner teve a oportunidade de concluir em que estas crianças tinham bom potencial cognitivo, porque as expressões fisionômicas e a aparência física demonstravam que eram inteligentes.

Outros autores, como Rutter (1978), demonstram que entre as crianças autistas há também aquelas que apresentam a deficiência mental e dificuldades em áreas cognitivas como percepção, memória, atenção e pensamento.

Segundo as pesquisas de Smith (2008), há dois tipos de autismos de acordo com o funcionamento intelectual: o de baixo funcionamento e o de alto funcionamento.

Nos estudos citados pela autora de Sturmey e Sevin (1999), 75% dos autistas são diagnosticados com inteligência abaixo do normal e 25% têm nível normal de inteligência.

Diante de tais pesquisas, resultaram os termos autismo de baixo funcionamento para as pessoas com a deficiência mental associada e o de alto funcionamento, entendido como um grupo do Transtorno do Espectro Autista.

3.2 Definição e encaminhamentos em relação à Síndrome de Asperger

Para compreendermos a diferença do Autismo e da Síndrome de Asperger (SA) vale pontuar as palavras de Sampaio e Freitas (2014, p. 165), quando abordam que a síndrome não apresenta um “retardo ou deficiência de linguagem ou do desenvolvimento cognitivo”.

Smith (2008) contribui ao trazer outro aspecto importante na comunicação destas pessoas, que são aquelas ligadas às categorias conceituais como entender e interpretar a linguagem não verbal. O maior desafio, segundo a autora (2008), é o uso social da linguagem e para compreender o sentimento dos outros.

Nesse momento, é interessante assistir ao vídeo das profissionais Caroline Scotarelli e Consuelo Almeida para desenvolver os estudos dentro da perspectiva do TGD e agora especificamente a Síndrome de Asperger. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ir1DMmD9_iU>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Almeida (2013), em sua dissertação, comenta sobre o papel importante do professor da EE, dentro de uma visão recente, em que pode atender às especificidades do aluno sem deixá-lo paralisado no processo de aprendizagem. Ou seja, dando-lhe a oportunidade de descobrir ou reconhecer suas habilidades e aos poucos trabalhar suas limitações.

Como já é uma prática da escola e da família, pode-se voltar no pensamento do tempo e do ritmo de cada aprendiz para que suas atividades sejam realizadas com eficácia, dentro de suas possibilidades, sem causar estresse ou trauma na criança, pois se sabe que esse processo deve ser feito com cautela e por profissionais específicos como psicopedagogos, psicólogos, neurologistas, entre outros.

Um recurso que pode ser utilizado pelos alunos com esse caso é Sistema de Comunicação por meio da Troca de Figuras (PEC), o qual pode ser utilizado com as crianças para que elas percebam aos poucos a necessidade dessa atitude do falar, um dos meios para que elas consigam aquilo que querem com mais facilidade.

Outra possibilidade, de acordo com Sampaio e Freitas (2014), é o *Son-Rise*, desenvolvido pelo The Autism Treatment Center of America, localizado em Massachusetts. O maior objetivo desse programa é que o autista tenha uma aceitação do transtorno de maneira mais amena e, assim, consiga lidar com as situações de maneira positiva.

3.3 Definição e encaminhamentos em relação à Síndrome de Rett

A Síndrome de Rett pode ser analisada como os demais transtornos já contemplados dentro do TGD, com suas características e necessidades de atuação da família, dos profissionais e da sociedade.

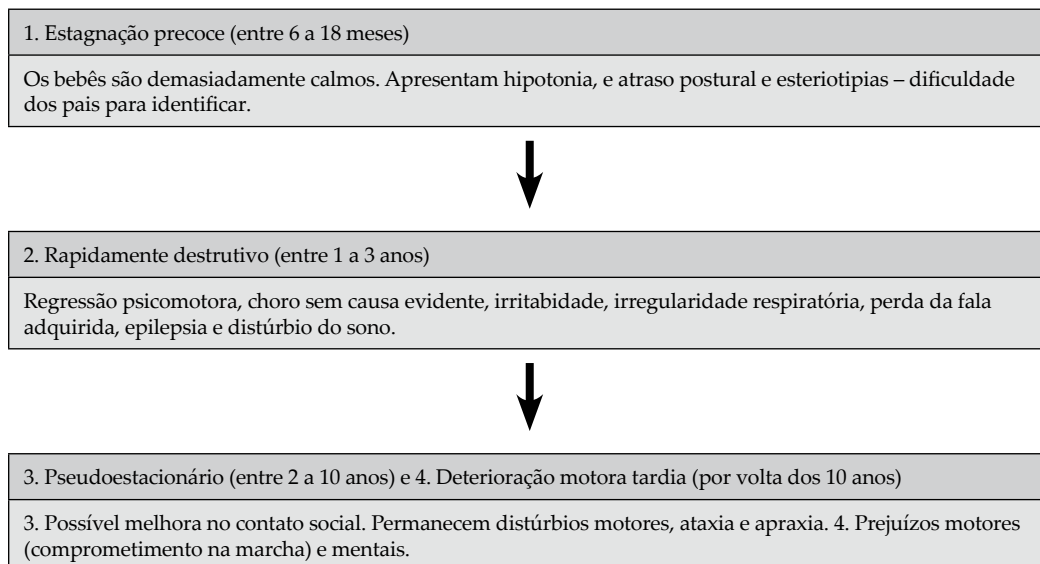
Para que possamos reconhecer a Síndrome de Rett, indicamos os vídeos a seguir, com o objetivo de deixar mais visual essas prioridades que precisam ser desmembradas:

1. ProgramadaTVBrasil.Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=m1MLYq10CSs>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
2. Depoimento – Caso Fernanda no Programa Saúde e Bem-estar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UFajCWdE9hM>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

Pazeto e colaboradores (2013), em seu artigo sobre a Síndrome de Rett, pontuam que, perante os critérios da CID-10, a síndrome faz parte do F84, membro do TGD, o qual demonstra maiores impactos nas interações sociais, na comunicação com um vocabulário restrito, muitas vezes sem a linguagem e, como característica, apresenta movimentos estereotipados e repetitivos.

Essa síndrome é decorrente de uma mutação no cromossomo X, o que faz o sujeito apresentar algumas características específicas. No entanto, Hagberg & Witt-Engerströ (1986) dividem a Síndrome de Rett nos seguintes estágios:

Quadro 1 – Síndrome de Rett.



Fonte: Elaborado pela autora.

A Síndrome de Rett está presente na maioria dos casos em pessoas do sexo feminino, as quais podem estabelecer o contato visual quando precisam se comunicar ou solicitar algo em específico, já que a linguagem, por vezes, pode não acontecer.

É importante ressaltar que durante a evolução dos estágios, as crianças podem apresentar uma melhora a partir do 3º estágio, como explicado, mas por outro lado, no 4º estágio os sintomas são inúmeros, principalmente no que tange ao movimento, impossibilitando-a, em algumas situações, de caminhar.

Para retomarmos como a EE iniciou seus primeiros passos, faremos uma retrospectiva. Diante disso, é possível dizer que o direito da pessoa com deficiência existe desde 1824 em outros países, mas em 1857 o Brasil iniciou a criação de serviços para atender as pessoas com deficiências físicas, mentais e sensoriais. A partir desta movimentação que, em 1854, surgiu o Instituto dos Meninos Cegos, chamado de Benjamim Constant.

3.3.1 Atendimento Educacional Especializado (AEE)

O século XX, mais precisamente 1926, registra a fundação do Instituto Pestalozzi, especializado no atendimento às pessoas com deficiência mental. Em 1945, a Sociedade Pestalozzi, por meio de Helena Antipoff, cria o primeiro AEE voltado às pessoas com superdotação.

As Políticas Públicas para o AEE têm em seu universo de ação crianças, adolescentes e adultos, de qualquer idade e com diferentes situações de aprendizagem.

Na Educação Inclusiva esse atendimento tem como foco a aprendizagem, enquanto processo interminável e o comportamento do aprendiz. O grande desafio é possibilitar o acesso e a permanência, com qualidade, dos alunos com necessidades educacionais especiais, na escola.

Ao discutir a meta da inclusão desse público, faz-se necessário considerar que este é um fato relativamente recente na educação brasileira, o que causa receios e apreensões, tanto por parte da escola como dos pais.

Na Lei 5.692/71 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional existe a caracterização da clientela da educação especial como sendo alunos que apresentam deficiências físicas ou mentais, assim como os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os alunos superdotados.

Na atuação das políticas públicas, em decorrência da ampliação do acesso à escola para a população em geral, são implantadas as classes especiais nas escolas básicas – públicas, sob a responsabilidade, na maioria, dos sistemas estaduais.

Este atendimento se dá em razão do rendimento escolar aquém do esperado. No entanto, quando se fala em classes especiais e remete-se ao sistema estadual, já são conhecidos os

fatores que prejudicam o andamento e o trabalho significativo com esse público, pois são necessários professores com formação adequada com recursos disponíveis para utilizar com os alunos e vários outros elementos importantes.

Em 1973 acontece a interferência do privado no público por influência de entidades privadas de Educação Especial, quando ocorre a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), tendo a função de gerenciar a Educação Especial no Brasil, ainda com uma concepção de *políticas especiais* e não universal; e também a ocorrência de um atendimento paliativo aos alunos com TGD.

3.3.2 Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs)

A SRM é um ambiente adequado com mobiliário, recursos, materiais pedagógicos e acessibilidade para que os alunos da Educação Especial sejam atendidos no contraturno. Essa realidade está presente nas escolas de ensino regular público.

O Ministério da Educação apoia a construção e alimentação de materiais, como kits atualizados para que os profissionais possam dar o apoio necessário às crianças que precisam do Atendimento Educacional Especializado.

As SRMs são abertas de acordo com o número de alunos da Educação Especial presentes na escola, e a distribuição dos recursos é realizada por empresas, de acordo com licitações.

Os recursos incluídos nas SRMs são computadores e impressoras braile, mouses com acionadores de pressão e mobiliário adquirido por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Síntese

Nesta aula foi possível abordar as definições e encaminhamentos relacionados ao Autismo, Síndrome de Asperger e Síndrome de Rett. Contemplamos estratégias e recursos que podem ser utilizados em sala de aula com esse público, de maneira a motivar e acompanhar seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, de acordo com a visão dos autores mencionados no texto.

Para enriquecer seus estudos, apresentamos e aprofundamos os Recursos da Educação Especial com Atendimento Educacional Especializado e a Sala de Recursos Multifuncionais, um direito amparado por lei para que os alunos em atendimento especializado sejam atendidos de maneira plena e significativa.

+ Ampliando seus conhecimentos**Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças***(JUNIOR¹, 2014)*

Conforme pesquisa do governo dos Estados Unidos, os casos de autismo subiram para 1 em cada 68 crianças com 8 anos de idade — o equivalente a 1,47%. O número foi aferido pelo CDC (*Center of Diseases Control and Prevention*), do governo estadunidense — órgão próximo do que representa, no Brasil, o Ministério da Saúde. Os dados são referentes a 2010 e foram divulgados nesta quinta-feira, 27 de março de 2014.

Houve aumento de quase 30% em relação aos dados anteriores, de 2008, em que apontava para 1 caso a cada 88 crianças. Quase 60% para 2006, que era de 1 para 110. Mesmo o autismo podendo ser detectado a partir dos 2 anos de idade, a maioria das crianças foi diagnosticada após os 4 anos.

Para alertar a respeito dos números alarmantes, todo 2 de abril é comemorado o “**Dia Mundial de Conscientização do Autismo**” — em inglês, “*World Autism Awareness Day*” —, data instituída pela ONU (Organização das Nações Unidas) desde 2008. O objetivo é, anualmente, conscientizar a sociedade a respeito desta complexa síndrome, para que haja mais suspeita, mais diagnóstico, mais tratamento, mais respeito e menos preconceito. Para isso iluminam-se de azul prédios e monumentos ao redor do mundo. O azul foi a cor designada para o autismo, por ter uma prevalência bem maior em meninos que em meninas — mais de 4 para 1.

¹ Paiva Junior é editor-chefe da Revista Autismo.

Atividades

1. O autismo apresenta algumas características e quatro delas você pode verificar na imagem a seguir:

O aluno não responde quando é chamado? Parece até surdo?



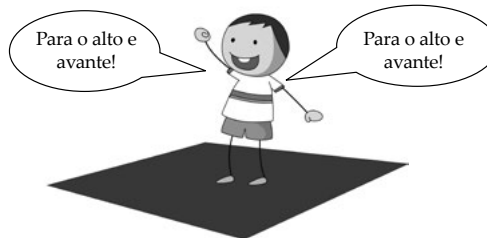
Costuma mexer com os dedos e as mãos de forma peculiar?



Fica fazendo movimentos repetitivos sem motivo aparente?



Repete frases e outros conteúdos que ouviu em filmes e desenhos animados?



Fonte: IESDE BRASIL S/A.

A partir da observação da imagem, escreva que atitudes o professor pode tomar para que o aluno com autismo seja inserido e participe das atividades com os colegas.

2. No vídeo a seguir pode-se visualizar o depoimento de um rapaz com autismo e sua visão para diferentes áreas, as quais todo ser humano está inserido.

Autismo leve. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jAEnL7uXuUA>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

Após assistir ao depoimento, elenque os tópicos mais evidentes, na sua visão, que um autista passa no dia a dia e como você pode colaborar para possíveis mudanças.

3. A Revista *Nova Escola* traz uma reportagem sobre os autistas e algumas dicas de como lidar com eles, de maneira a respeitar e compreender o seu mundo.

Leia a reportagem e pontue quais são os elementos a serem trabalhados com o autista, de acordo com a sua visão.

O que é autismo? Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/281/na-duvida-autismo-inclusao>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

Referências

- ALMEIDA, Consuelo. Dissertação: **A relação do professor com seu aluno psicótico (TGD) em processo de inclusão**. UFPR, 2013. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/41384/R%20-%20D%20-%20CONSUELO%20DE%20ALMEIDA%20VASQUES%20FERNANDES.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- AMARAL, Priscila. **Autismo no tempo da delicadeza**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.
- CARNEIRO, Moaci. **LDB Fácil**: leitura crítico-compreenssiva artigo a artigo. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GONZÁLEZ, Eugênio e colaboradores. **Necessidades educacionais especiais: intervenção psicoeducacional**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- HAGBERG, B. Witt Engerstrom. **Rett syndrome: a suggested staging system for describing impairment profile with increasing age towards adolescence**. *AmJ Med Genet Suppl*; 1:4-59, 1986.
- HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary. **Esclarecendo as deficiências**. Rio de Janeiro: Ciranda Cultural, 2008.
- JUNIOR, Paiva. Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças. **Revista Autismo**. Maio, 2014. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/noticias/casos-de-autismo-sobem-para-1-a-cada-68-criancas>>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- ORRÚ, Sílvia. **Autismo, linguagem e educação**: Interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- PAZETO, Talita; *et al.* **Síndrome de Rett**: Artigo de revisão. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/PUBLIC/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/stricto_sensu/Disturbios_Desenvolvimento/Cadernos_2013_vol_2/2_Sindrome_de_rett.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- RUTTER, M; SCHOPLER, E. **L'Autisme, une réévaluation des concepts et du traitement**. Trad. de l'anglais par S. Missonnier et L. Hemain. Paris: Laivosier, 1991.
- SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem**. Entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014.
- SMITH, Deborah. **Introdução à educação especial**. Ensinar em tempos de inclusão. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Resolução

1. O professor precisa aprofundar os seus conhecimentos, leituras, estudos, pesquisas para que consiga aprender e dessa maneira traçar as estratégias e recursos a serem utilizados em sala de aula com os alunos autistas.
2. O que está fora dos padrões estabelecidos pela sociedade causa uma certa insegurança, curiosidade e até mesmo desconforto nas pessoas por não terem o conhecimento adequado para lidar e se aproximar de pessoas com especificidades e por essa razão é imprescindível a sociedade conhecer os combinados necessários para trabalhar com esse público.
3. O aluno nesse momento pode trazer o que sugere como trabalho com o autista, de acordo com o que estudou e pesquisou.

Transtornos Globais **de Desenvolvimento** e Altas Habilidades

Código Logístico



48531



Fundação Biblioteca Nacional

ISBN 978-85-387-6314-7



9 788538 763147